Sob o Véu da Ilusão

Romance Espiritualista

João Alberto de Faria e Araújo

2ª Edição Revista

2024

Copyright©2024 João Alberto de Faria e Araújo
Todos os direitos reservados
Capa
João Alberto de Faria e Araújo
Revisão
João Alberto de Faria e Araújo
Editoração eletrônica
AlphaGraphics
Publicação
agBook
www.agbook.com.br
1ª Edição 2013
2ª Edição 2024 Revista
180 Pgs 14,8 x 21

Araújo, João Alberto de Faria e
Sob o Véu da Ilusão / João Alberto de Faria e Araújo, Joinville – SC
Clube de Autores 2024 – Código: 48510

1. Romance 2. Ficção 3. Espiritismo 4. Ação e reação
5. Causa e Efeito

Clube de Autores 2024

Agradeço a Jesus, Mestre e Amigo por seu infinito amor. À minha família que me ampara e me suporta nesta minha existência. E a todos os meus amigos na carne e em espírito que, com sua inesgotável paciência, me auxiliam, estimulando-me a força e a coragem necessárias para que eu consiga contornar as adversidades que a vida, tão amorosamente, tem me reservado ao longo de minha caminhada.

Introdução

“Sob o Véu da Ilusão” é um romance espiritualista baseado em observações e experiências reais extraídas das vivências do escritor durante inúmeras sessões mediúnicas e apométricas onde, na condição de observador, pôde presenciar o auxílio despendido a irmãos encarnados e espirituais em sofrimento durante os tratamentos desobssessivos.

Essa obra reúne uma série de considerações e fatos sobre os processos conhecidos como “obsessão.” Trata também das Leis de Ação e Reação e de Causa e Efeito que, sob a ótica da Doutrina Espírita, se pretende esclarecer, objetivando assim, trazer luzes e compreensão sobre os temas abordados de modo que, se possa entender, as inúmeras situações as quais as pessoas são submetidas no curso de suas trajetórias terrenas.

Sua narrativa não se refere especificamente a nenhum caso ou pessoa, sendo, exclusivamente, fruto da criação do autor.

Ação e Reação

A terceira Lei da Física, descoberta por Isaac Newton (1642-1727), é denominada, às vezes, a Lei de Interação. Usam-se, frequentemente, as palavras 'ação' e 'reação' na discussão da terceira Lei de Newton.

De maneira simplificada, esta Lei nos afirma que: “Toda ação provoca uma reação de igual intensidade, mesma direção e em sentido contrário.”

Entretanto, a pretensão destas linhas é trazer luzes sobre a questão não num sentido puramente material, mas no que toca à existência do homem enquanto espírito.

Então, se aplicarmos a Lei de Ação e Reação às questões espirituais, talvez ela nos remeta à vingança e não à aplicação da justiça. Ou seja, seria o emprego da Lei de Talião pura e simplesmente, sem dó nem piedade.

Igualmente, fica-nos também claro que, mesmo na vida presente, nossos atos equivocados, errôneos,

nos levam a viver situações no decorrer da própria atual existência, visto objetivos educacionais impostos pela Lei de Progresso e necessários à urgente evolução de que carece o espírito encarnado.

Assim, pode-se dizer de forma mais comum: “bateu, levou” – ação e reação imediata.

Lei de Causa e Efeito

É um dos princípios fundamentais preconizados pela Doutrina Espírita para explicar as contingências ligadas à vida humana. Também é conhecida na literatura espírita como **Lei da Causalidade**.

Segundo ela, a todo ato da vida moral do homem corresponderia uma reação semelhante dirigida a ele, criando-se, assim, algo similar ao “cosmos ininterrupto de retribuição ética”, a que alude Max Weber em Economia e Sociedade.

A Lei de Causa e Efeito, segundo a qual compreendia Kardec, distanciava-se da concepção de

Carma, erroneamente difundida no Ocidente, por não admitir o determinismo.

Esta Lei procura explicar os acontecimentos da vida atribuindo um "motivo justo" e uma "finalidade proveitosa" para tudo com o que se depara o homem, inclusive o sofrimento.

Sobre a Ilusão

Quando no mundo espiritual, nenhum de nós está sujeito às forças telúricas que acabam por influenciar nossa conduta terrena.

Porém, ao aportarmos no mundo carnal pelas portas da reencarnação, passamos a sofrer, não só as limitações de nosso corpo físico governado por cinco pobres sentidos que não nos permitem perceber a verdade por detrás das realidades que se nos apresentam, mas, muitas vezes, acabamos por ceder ao chamamento da "Porta Larga", que é a passagem onde residem todas as ilusões criadas pela humanidade e que nos convidam muito mais ao "Ter" do que ao "Ser."

As sociedades oferecem regras que ditam as fórmulas de sucesso e de reconhecimento, dentre as quais se encontram os títulos, as posses, o culto à aparência, o poder, os quais, se bem utilizados em prol do arrefecimento do sofrimento de muitos, são bençãos de luz e de redenção.

Entretanto, poucos são os que logram êxito ao desfrutar de tais conquistas, perdendo-se no desvario das facilidades.

Condena-se ou se dá mínima ou nenhuma importância ao que podemos intitular de atributos imperecíveis que nos conduzem à chamada “Porta Estreita” e que tem por sustentáculo tudo aquilo que não é material e que se podem definir como: a inteligência, a aquisição e o aprimoramento dos conhecimentos a fim de serem utilizados com fins puramente pacíficos e humanísticos, e a moral a qual nos remete à ética, a retidão do proceder em todos os campos de atuação do indivíduo em seu trânsito pelo planeta.

No desempenhar de nossos papéis ao longo das múltiplas existências, vivenciamos vestiduras diversas,

tais como as de pobres e ricos, de líderes e de liderados, de poderosos e de subalternos, de dominadores e de dominados, de pais e de mães, dentre uma gama infinita de outros personagens.

A cada encarnação, seja em qual personalidade nos manifestamos, temos a possibilidade de nos depurar, revendo conceitos, modificando atitudes, ganhando em moralidade, praticando o bem e a caridade enquanto crescemos no sentido puramente espiritual, pois que a carne nada mais é do que invólucro perecível, que é trocada a cada nova oportunidade na matéria, de modo que se possa fazer frente aos desafios que se nos apresentarão.

Vale ressaltar que, antes de cada processo reencarnatório, muitos de nós participa de seu próprio planejamento existencial em conjunto com as equipes que nos assessoram.

Escolhe-se o corpo, a família, os caminhos que se poderão ou deverão ser percorridos, sonhos, conquistas, enfermidades, promete-se determinação no combate ao ego e aos vícios que ainda trazemos em nosso arcabouço espiritual e, ao renascer, cumprimos

dificilmente com o planejado.

Cabe também esclarecer que, assim como antes dissemos que muitos de nós toma parte do seu planejamento reencarnatório, incontáveis também são os conduzidos à carne pelas forças compulsórias impostas pela mãe Terra. Nessas ocorrências, todo o planejamento exequível é realizado pela espiritualidade sem a participação do reencarnante.

Dadas essas explicações e, retornando ao cerne da questão que é a ilusão, incalculáveis são as criaturas que abandonam os projetos idealizados na erraticidade fascinados que ficam pelo mundo das aparências e das formas, se permitindo atrair pelo glamoroso convite do que é passageiro e ilusório, daquilo que se transforma em pó e que não se poderá levar quando do processo conhecido como “desencarne.”

E, em assim procedendo, ao invés da depuração pretendida, almas sem fim amontoam equívocos sobre equívocos atrasando ainda mais seu curso rumo a verdadeira libertação, esquecendo-se de que, toda escolha realizada ao longo de cada “viver”, repercutirá, inexoravelmente, no amanhã, seja na atual existência,

seja na vindoura.

Mas será a ilusão uma mera distorção da realidade que nasce de nossos sonhos e desejos e que se molda de modo que se ajuste a nossos anseios?

Ou será realmente uma incapacidade humana face à sua própria limitação?

No sentido de mais esclarecermos a respeito do tema, retiramos do site da Sociedade Teosófica [1] as seguintes considerações sobre:

O Conceito de Maya

O conceito de Maya é outra das expressões importadas das filosofias hindus e transladadas diretamente do sânscrito, tendo sido incorporada ao vernáculo de forma açodada e superficial.

Tal como o conceito de Dharma, Maya comporta uma série de sutilizações de significado e está longe de ser somente "ilusão", como imaginam alguns desavisados.

Maya é, de fato, o princípio causador da ilusão por via indireta, mas não é a ilusão em si.

O que é ilusório não são as coisas em si mesmas.

A ilusão está em nossa incapacidade de perceber as coisas como são em seu próprio nível de realidade.

Nós as vemos distorcidamente, de acordo com nossos limites sensoriais e nossos condicionamentos. Isso não significa que as coisas "não existam", e sim que não podemos percebê-las como são em si mesmas.

Nossas percepções são coloridas e distorcidas por nossos sentidos.

Esse fenômeno de distorção de nossa percepção objetiva é, sem dúvida, ilusório. Maya, porém, é mais do que isso. É a propriedade de plasmação de formas, sons, imagens e ritmos que formam o mundo natural.

Maya é o princípio de polaridade feminina, que torna a Natureza um artífice de criatividade sem limites.

É o próprio poder criador se manifestando em miríades de imagens, que se modificam em perpétuo movimento (Krya Shakti).

Lançando mão da metáfora do Shivaísmo hindu, Maya é a dança da Skakti em torno de Shiva, produzindo um movimento contínuo e envolvente, que dá origem a todo o movimento cósmico.

Poderíamos também usar a metáfora egípcia e compreender Maya como os Véus de Ísis, a deusa consorte de Osíris.

Os véus de Ísis simbolizam a roupagem externa da natureza, que oculta o segredo dos segredos: a essência última que existe no âmago da realidade e só se pode manifestar através dos "véus" que representam a face exterior da natureza.

Por um lado, Maya é o poder criador da Natureza. Por outro lado, é a ilusão causada pela

mente humana, que percebe essas manifestações, enxergando-as como a mente é, e não como as coisas são em si mesmas.

Não sabemos como as coisas são em si mesmas, porque não podemos perceber as coisas em si. Tudo o que percebemos (cores, sons, formas, sensações) são vibrações provenientes dos objetos, captadas por nossos sentidos e formatadas pelo cérebro consoante os efeitos neurológicos causados por essas imagens.

Somos conscientes apenas dessas imagens e não dos objetos representados por elas. Vivemos em um mundo de imagens e consideramos reais essas imagens projetadas, a partir de algumas vibrações que recebemos dos objetos.

Assim, podemos considerar toda a matéria e toda a energia do universo como o poder exteriorizado (Shakti) de uma consciência. Não da nossa consciência em particular, mas da consciência suprema da qual somos uma pequena parcela, um ponto focal.

Por sermos, em nosso ser essencial mais íntimo, partes integrantes e inseparáveis de uma consciência

única, estamos ligados por elos invisíveis com tudo o que existe, inclusive com a própria matéria.

A matéria é a projeção exterior da consciência única e absoluta, sendo que essa projeção nos faz sentir enganosamente que estamos separados dos outros seres e dos objetos. Tudo está contido na consciência.

Maya ou a Shakti é o poder exteriorizado e manifesto, enquanto Shiva é o centro imanente ou emanador deste poder. Por essa razão, nas imagens de tantrismo, Shakti é quem dança em torno de Shiva estático.

Da mesma forma, na teogonia egípcia, é Ísis que dança em torno de Osíris, balançando suas verdes asas sobre o deus morto e restituindo a vida ao "grande apático."

Não caiamos no erro do positivista que, para retrucar o argumento de um niilista que dizia ser tudo uma ilusão, chutou-lhe a canela e gritou: "Isso não vai doer! É o chute ilusório de um pé ilusório numa canela ilusória!"